



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input checked="" type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Recife Frio: cidade, mudança climática e injustiças ambientais

Recife frio: city, climate change and environmental injustices

Recife frio: ciudad, cambio climático y injusticias ambientales

NAME, Leonardo (1)

(1) Professor Doutor, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil;
leonardo.name@unila.edu.br

“Recife Frio”: cidade, mudança climática e injustiças ambientais

“Recife frio”: city, climate change and environmental injustices

“Recife frio”: ciudad, cambio climático y injusticias ambientales

RESUMO

O artigo analisa o curta-metragem brasileiro *Recife Frio* (2009), que narra em forma de falso documentário as consequências de uma mudança climática, a queda brusca e permanente da temperatura, na cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco. O objetivo é revelar que o filme se liga às narrativas catastrofistas da produção discursiva sobre as mudanças climáticas globais para comentar questões locais: o imaginário eurocêntrico dos Trópicos e da tropicalidade, as injustiças ambientais e o racismo ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Recife, Trópicos, injustiças ambientais, racismo ambiental.

ABSTRACT

The article analyzes the Brazilian short film Recife Frio (2009), which chronicles in a mockumentary form the consequences of a climate change, a sudden and permanent drop in temperature, in Recife, the capital of the Brazilian state of Pernambuco. The aim is to show that the film is linked to the catastrophic narratives from the discursive production of the global climate changes, in order to comment local issues: the Eurocentric imagery of the Tropics and the tropicality, the environmental injustices, and the environmental racism.

KEY-WORDS: Recife, Tropics, environmental injustices, environmental racism.

RESUMEN:

El artículo analiza el cortometraje brasileño Recife Frio (2009), que narra en forma de falso documental las consecuencias de un cambio climático, la caída súbita y permanente de la temperatura, en la ciudad de Recife, la capital del estado brasileño de Pernambuco. El objetivo es demostrar que la película se une a los relatos catastrofistas de la producción discursiva acerca de los cambios climáticos globales para comentar cuestiones locales: el imaginario eurocéntrico de los Trópicos y de la tropicalidad, las injusticias ambientales y el racismo ambiental.

PALABRAS-CLAVE: Recife, Trópicos, injusticias ambientales, racismo ambiental.



1. INTRODUÇÃO

O tema das mudanças climáticas, supostamente em curso, vem disputando espaço na agenda sobre o meio ambiente e sobre as cidades. O discurso mais corrente entre aqueles que acreditam que estamos diante de uma mudança de temperaturas no planeta afirma que há um aquecimento – de abrangência global e já inevitável, mas que se faz urgente cessar – por ações antropogênicas: *grosso modo*, consequente de processos de apropriação da natureza e de produção econômica do capitalismo global, que, além de predatórios, vêm causando o aumento da emissão de gases altamente capazes de concentrar calor, mesmo que pouco presentes na atmosfera terrestre, como o dióxido de carbono. As consequências seriam terríveis: degelo nos polos, aumento dos níveis do mar e desertificação, causando riscos às populações, em especial a das cidades.

A despeito das inúmeras controvérsias e incertezas científicas em torno do assunto, pode-se dizer que os discursos sobre as mudanças climáticas globais vêm influenciando ações empresariais, políticas públicas e ações de agências não governamentais, por exemplo – trata-se de um tema crescentemente hegemônico, afinal. Contudo chama a atenção, nas ações dos diversos de atores sociais em torno do assunto, certa negligência teórica em relação a três aspectos: o legado geo-histórico – e colonial – do determinismo ambiental na produção de discursos relacionado meio ambiente e sociedade, civilização e clima, que por certo ronda a temática das mudanças climáticas; a relação intrínseca dos problemas ambientais com as situações de injustiça ambiental – imposição desproporcional dos riscos ambientais às populações menos dotadas de recursos financeiros, políticos e informacionais (Acselrad et al., 2009, p. 9) – e especificamente as de racismo ambiental – quando as injustiças ambientais recaem sobre grupos étnicos vulnerabilizados (Herculano e Pacheco, 2006b, p. 25), que faz perceber que a degradação ambiental e os problemas sociais têm uma origem econômica comum (a produção capitalista do espaço, cuja concentração de lucros e alocação de custos se dá desigualmente) e se espacializam de forma não equitativa entre os diferentes territórios e grupos; e, por fim, o papel de certa “geografia pop” (Name, 2013), enunciada por produtos culturais de massa, no desenho de inteligibilidades sobre os problemas ambientais, e que, por isso, pode reforçar alguns discursos ambientais em detrimento de outros.

Sobre o último ponto, particularmente o cinema, dada sua produção massiva e industrial, exerce função de destaque na produção imagética e discursiva sobre as relações entre sociedade e natureza. No que concerne à questão das mudanças climáticas, são muitos os longa-metragens de diferentes países apresentam narrativas dadas em condições extremas de clima, com variados graus de atenção às situações de desigualdade e injustiças consequentes: são os casos de *Waterworld: o segredo das águas*¹, *Além do meu futuro*², *Acquaria*³, *O dia depois de amanhã*⁴, *Sunshine: alerta solar*⁵, *A era da estupidez*⁶ e *Um inferno*⁷, por exemplo. No

¹ *Waterworld*, Kevin Reynolds e Kevin Costner, EUA, 1995.

² *Peut-être*, Cédric Klapisch, França, 1999.

³ Flavia Moraes, Brasil, 2003.

⁴ *The day after tomorrow*, Rolland Emmerich, EUA, 2004.

⁵ *Sunshine*, Danny Boyle, Reino Unido/EUA, 2007.

⁶ *The age of stupid*, Franny Armstrong, Reino Unido, 2009.

⁷ *Hell*, Tim Fehlbaum, Alemanha/Suíça, 2011.

entanto, três documentários são os filmes mais consagrados: *Uma verdade inconveniente*⁸ e *A última hora*⁹, que ecoam os argumentos do Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC); e *A grande farsa do aquecimento global*,¹⁰ que procura desacreditar a tese de que o aquecimento global já está em curso e por razões antropogênicas.

O curta-metragem brasileiro *Recife frio*¹¹ é um caso singular. Ambientado na capital pernambucana, parte de uma narrativa, que se finge documental, sobre um fenômeno de resfriamento anormal do clima, que não se dá em abrangência *global*, mas *local*: somente a Região Metropolitana do Recife tem suas temperaturas reduzidas bruscamente de 30°C para 5°C, uma situação que afugenta turistas e transtorna habitantes. A obra apresenta-se como excelente oportunidade de debate: como pretendo demonstrar, o fenômeno do resfriamento no Recife, no filme, é pretexto para um comentário sobre desigualdades sociais, raciais e ambientais e, também, para uma crítica sobre o imaginário determinista a respeito do clima dos Trópicos e sua paisagem, tão comumente direcionado ao Recife e outras cidades brasileiras.

Na primeira parte do trabalho, apresento um resumo dos argumentos sobre as mudanças climáticas no qual, longe de querer tomar partido de uma das inúmeras opiniões a respeito do assunto, viso a revelar a os perigos de determinismo ambiental e à estrutura discursiva da globalização, cotejando-o com uma síntese sobre as injustiças ambientais nas cidades. Sigo com uma análise do filme *Recife frio* que visa a trazer a discussão para a análise de discurso, cotejando a narrativa do filme, em nada determinista, com os argumentos sobre as injustiças ambientais, inclusive climáticas, já presentes na contemporaneidade.

2. UM DEBATE NECESSÁRIO: MUDANÇAS CLIMÁTICAS E DETERMINISMO AMBIENTAL

A discussão a respeito das mudanças climáticas, supostamente antropogênicas e em curso, caracteriza-se por campo de forças de permanentes disputas: interesses econômicos e geopolíticos legitimam-se quando associados a um discurso ambiental tão poderoso, cujo objetivo nobre, afinal, seria “salvar o planeta”. No entanto, é preciso se destacar que não há unanimidade em torno do tema: cientistas dividem-se entre diferentes grupos: os céticos, que reúnem os que duvidam que as transformações climáticas estejam mesmo ocorrendo, os que desconfiam que estejam ocorrendo por razões não antropogênicas e os que advogam que o que está a ocorrer é o resfriamento da Terra, não seu aquecimento; os catastrofistas, que transferem o arcabouço teórico sobre riscos, áleas e catástrofes para a esfera da análise da mudança climática, com certo alarmismo; e os otimistas, geralmente crentes que a inovação científica e tecnológica resolverá todos os problemas (Cf. Giddens, [2009], 2010).

Não é meu objetivo desvelar verdades ou inverdades científicas sobre as mudanças climáticas globais e suas causas antropogênicas. Todavia, chamo atenção para dois pontos a serem considerados. Por um lado, clima e determinismo ambiental têm histórico de constante associação no imaginário popular e nos escritos acadêmicos. Por outro lado, a discussão contemporânea sobre mudanças climáticas parece quase sempre considerar o fenômeno

⁸ *An inconvenient truth*, Davis Guggenheim, EUA, 2006.

⁹ *The 11th hour*, Leila Conners e Nadia Conners, EUA, 2007.

¹⁰ *The great global warming swindle*, Nark Duncan, Reino Unido, 2007.

¹¹ Kléber Mendonça Filho, Brasil, 2009. O filme está disponível para visualização do YouTube: <http://bit.ly/1pfheFU>.

tendo causas e consequências de abrangência global, baseando-se em dados estatísticos de temperatura, suposições sobre o comportamento da troposfera e contagens de carbono, por exemplo. Tende-se, assim, a abstrair da análise teórica a dimensão espacial, em suas múltiplas articulações, temporalidades e escalas; subvalorizar particularidades e singularidades dos lugares e práticas do cotidiano em favorecimento dos discursos econômico e geopolítico, da pesquisa de novas tecnologias e da proposição de modelos pretensamente universais; e sobrevalorizar o discurso das ciências naturais em detrimento das ciências sociais (Storch e Stehr, 1997; Drummond, 2006; Lever-Tracy, 2008; Shove, 2010).

Presente no pensamento ocidental ao menos desde o grego Hipócrates, que formulou ideias relacionando clima, forças naturais e saúde humana (Staszak, 1995; Arnold, [1996] 2000), o determinismo ambiental e climático foi recorrente nos escritos de pensadores de várias épocas: nas enfáticas manifestações de admiração ou rejeição em relação ao clima no Novo Mundo em relatos de burocratas, artistas, religiosos e naturalistas europeus que o visitaram desde o século XV (Cf. Machado, 1989; Gerbi [1973], 1996; Holzer, 1998; Pratt, [1992], 1999; Martins, 2001) e que, por isso, descreviam estes lugares como ontologicamente distintos; nas teses de Montesquieu sobre a inviabilidade do processo civilizatório nos climas quentes e sua influência negativa sobre o caráter humano; nas teorias de Buckle relacionando a abundância natural provocada pelas condições climáticas com a inferioridade civilizacional (Cf. Castro, 2006); ou nas teses de geógrafos como Ellen Churchil Semple (1911) e Ellsworth Huntington ([1915] 1942) que em pleno século XX, que apresentavam as influências ambientais, particularmente as climáticas, como inexoráveis determinações que se confundiam com o devir histórico. Ainda que não intencionalmente, tais autores perpetuaram os discursos propositores de uma relação direta entre a hegemonia europeia e seu clima temperado, subalternizando regiões tropicais e lugares latino-americanos por meio de maior ou menor grau de determinismo ambiental e darwinismo social (Arnold, [1996] 2000; Driver e Martins, eds., 2005; Name, 2010). Ideias que, em grande medida, são inerentes às acepções de modernidade e de desenvolvimento, muito longe de superadas (Escobar, 1994; Lander, org., 2005).

No Brasil, o imaginário sobre o clima dos Trópicos é transversal tanto aos discursos sobre a abundância natural, incorporadas às ideias de nação, quanto às formulações teóricas a respeito de uma suposta relação entre clima, padrões de ocupação, identidades e, tanto em relatos acadêmicos como em processos mais amplos de nacionalismo (Cf. Machado, 1995; Oliveira, 1996; Haesbaert, 1997 e 1999; Lima, 1999; Freyre, [1969] 2000; Castro, 2001; Daou, 2001; Moraes, 2002).

Tais discursos não podem ser isolados do legado do colonialismo e do imperialismo e, por certo, ainda alimentam o imaginário social, econômico e político a respeito das diferenças na superfície terrestre. Nesse sentido, creio que os discursos contemporâneos sobre as mudanças climáticas podem ser compreendidos como um elemento, ainda que distópico, das fabulações a respeito da globalização. Afinal, os discursos do aquecimento global antropogênico nos alertam a respeito de um futuro comum, único e inexorável, pautado pela ação de agentes fluidos, invisíveis e sem barreiras (no lugar da economia livre e dos bits e bytes da Internet, tem-se o carbono e o clima dispersados sobre o globo). A estrutura discursiva sobre o aquecimento global, pois, parece a mesma daquela dos discursos sobre a globalização, que forja universalidade de processos em espaços e culturas distintas, além de releituras sobre desenvolvimento e progresso.



No contexto da América Latina, vê-se que as cidades há muito são vulneráveis a eventos climáticos extremos, fato que se explica muito mais pelas especificidades do processo de urbanização do espaço, cruelmente singular, do que por fatores globais e essencialmente macroclimáticos. Especificamente no Brasil, como já apontado por Name e Bueno (2013), chove-se muito durante o verão austral, característica que se por um lado não se pode negar ser parte dos ciclos naturais de um país da zona tropical, por outro tem muitos de seus riscos e danos agravados em decorrência do avanço do uso e ocupação do solo predatórios – são as cidades e as grandes metrópoles, localizadas em quaisquer dos biomas brasileiros, sempre as mais afetadas por estes fenômenos. Entretanto, se é certo que os problemas decorrentes de chuvas intensas podem se agravar se as teorias catastrofistas sobre as mudanças climáticas se confirmarem, o cotejamento deste problema com a argumentação em torno da questão da justiça ambiental, torna claro que os mesmos continuarão afetando as populações urbanas de forma desigual. Já são atualmente, desiguais, afinal, tanto a distribuição de externalidades e riscos ambientais atualmente quanto a de serviços ecossistêmicos, sempre pesando fatores como classe, renda, gênero e raça na maior exposição a riscos e ao baixo acesso a amenidades ambientais (Bullard, 1993 e 1996; Acsehrad, 2002, 2006 e 2010; Herculano e Pacheco, Orgs., 2006a; Emelianoff, 2008).

3. TRISTES TRÓPICOS: RECIFE FRIO, MUDANÇA CLIMÁTICA E INJUSTIÇAS AMBIENTAIS

Sobre uma cidade em meio a uma mudança climática repentina e extrema, o falso documentário *Recife frio* colabora, por meio da ironia, para o esclarecimento da argumentação sobre injustiças ambientais e para a desnaturalização do determinismo climático.

O meteorito caiu na praia de Maria Farinha, 20 km ao norte do Recife e matou três pessoas que estavam cantando ao redor de uma fogueira. Todavia não há nenhuma prova científica que associe o bólido espacial ao frio. Para os cientistas, foi só um meteorito. Um fato mais substancial se deu algumas semanas depois: começaram a chegar os pinguins. Você está assistindo a *O mundo em movimento* e esta semana estamos na cidade brasileira do Recife para investigar um curioso caso: uma mudança climática que está revolucionando a cultura e desafiando a comunidade científica internacional. Nesta edição, *Recife: a cidade que deixou de ser tropical*.

É com este texto do repórter Pablo Hundertwasser, personagem *hispanohablante* de falso programa de televisão, que se inicia o falso documentário *Recife frio*. O curta-metragem – cujo diretor, mais tarde, realizaria o bem-sucedido longa-metragem *O som ao redor*¹² – de imediato apela à incerteza e à linguagem do jornalismo televisivo para narrar situação absurda, de uma só vez turvando os estatutos de verdade da imagem, da notícia e da ciência. Cidades como Recife, ou quaisquer outras, estão sujeitas a diversos riscos, de quedas de meteoritos a mudanças extremas de temperatura.

Nesse sentido, é possível traçar uma linha de conexão entre a abertura do filme e os argumentos de Ulrich Beck ([1986] 2010) a respeito da contemporânea “sociedade de risco”. Consequência do industrialismo capitalista, sua produção econômica e sua produção do espaço, ensejadores de eventos interligados de forma não linear e de correlações não tão diretas e potencialmente causadoras de danos (ambientais, sociais, tecnológicos ou econômicos), a “sociedade de risco” é caracterizada por incertezas e medo no mundo vivido e por imprecisão dos procedimentos “peritos”: há fenômenos que a ciência moderna, mesmo

¹² Kléber Mendonça Filho, Brasil, 2012.

que secularmente tenha se construído como meio libertador das dúvidas e promotora do bem-estar humano, não é capaz de explicar – do resfriamento fictício no Recife às mudanças climáticas que alguns da comunidade científica internacional dizem estar ocorrendo, mas outros não. Além disso, a abertura do filme dá indicativos sobre o que poderia ser o principal dano que um fenômeno climático que esfria o Recife poderia trazer: ser “a cidade que deixou de ser tropical”, sentença acompanhada de imagens embaladas no ritmo do maracatu e anunciadas como de arquivo, portanto do passado: desfile de carnaval que evoca os cortejos negros, palmeiras, cocos, orlas marítimas e banhistas.

Ideia geo-historicamente construída, os Trópicos se apresentam por discursos sobre climas quentes e paisagens de uma natureza ao mesmo tempo exuberante e débil (Arnold, [1996] 2000; Livingstone, 2000). Tratar-se-ia, no imaginário eurocêntrico, de

uma parte do planeta [que] se converteu com o peso dos séculos em uma maneira ocidental de definir, com respeito à Europa (e especialmente a setentrional e as outras partes da zona temperada), algo culturalmente e ambientalmente distinto. Os Trópicos só existiam em justaposição a alguma coisa – a normalidade percebida das terras temperadas (Arnold, *ibid.*, p. 131).

Reproduzido ao longo do tempo, há vasto conjunto de imagens que são traduzidas para a realidade por intervenções no espaço, com vistas a se produzir paisagens iconográficas e aplicáveis a qualquer porção da zona tórrida: de Cabo Verde ao Recife, “de forma cada vez mais indiscriminada, a orlas, resorts e todo tipo de áreas turísticas, vêm se adicionando fileiras e mais fileiras de palmeiras que, mesmo quando nativas, provocam homogeneização da paisagem” (Name e Moassab, 2014, p. 7). Os elementos estereotípicos podem ser bromélias, palmeiras, bananeiras e abacaxizeiros, por exemplo; e a tropicalidade, nesse sentido, está longe de ser o resultado objetivo, fisiográfico, da relação entre clima e bioma, com flora e fauna específicas. É, também, uma construção subjetiva e intersubjetiva mediada por paisagens pitorescas, temperaturas altas e culturas exóticas: o subalterno pronto para o consumo.

O Recife do diretor Kléber Mendonça Filho, no entanto, é frio. A mudança climática fez com que “uma cidade que sempre vendeu o sol como produto”, pois “nunca soubera o que era o frio”, como informa Hundertwasser, não visse mais a luz do sol e passasse a ter a chuva como uma constante, tornando-se, assim, “a República Independente do Mau Tempo em um País Tropical”. O bem-humorado topônimo é marcado por imagens em preto e branco, com música melancólica ao fundo, de palmeiras mexendo-se ao vento, além de enquadramentos paisagísticos que, ainda que coloridos e com ícones do turismo local, mostram Recife em meio à chuva e à neblina.¹³ Câmeras de segurança mostram, no momento da queda brusca de temperatura, pessoas a correr desesperadas pelas ruas e um homem ajoelhado, parecendo rezar – a mudança climática da obra também apela para o imaginário catastrofista. Entretanto o narrador também nos informa que “a nostalgia pelo tropical continua viva. Muitos não deixam de rever imagens do passado em seus telefones celulares, memórias guardadas de um tempo que poderá não mais voltar”.

Em determinado ponto da narrativa, fotografias supostamente de acervo pessoal apresentam à audiência um homem feliz com sua água de coco, nas praias do Recife, em meio a palmeiras e a

¹³ Importante destacar que para o filme transmitir à audiência a ideia de uma familiar paisagem tropical pernambucada, tornada estranha por conta do frio, tomadas foram feitas não só no Recife, mas em Olinda, Garunhuns, Gravatá, Calhetas, Carneiros e Maria Farinha, neste estado brasileiro; em Aracaju (SE), Gramado (RS) e Belo Horizonte (MG); e em Biarritz (França), Buenos Aires (Argentina) e Pointy Beach (África do Sul).

comidas exóticas. É Pierre Martin, um francês da Bretanha, dono de uma pousada na cidade, que diz: “sou da Bretanha, na França, onde também temos lindas praias. Mas não temos sol, temos chuva. Por isso mesmo eu tinha apostado no sol. Minha pousada se chama Le Soleil”. O empresário vendia estadias com 100% de garantia de sol – esse era seu marketing – mas agora parecendo a Bretanha, sempre com chuva, os turistas de seu continente não vêm mais ver um Recife de paisagem semelhante as que têm em casa. O francês, contudo, apresenta sua mais nova ideia: lucrar com um programa para adoção, por estrangeiros, dos muitos pinguins que aportam na orla junto a seu negócio.

O artesanato popular da cidade também se transformou por conta do frio: Ronaldo Santos, artesão do mercado popular de São José, apresenta à câmera sua reinterpretação, depois da mudança climática, de bibelôs tradicionais do turismo: casinhas coloridas e com chaminé; uma mulher, parda, que antes usava biquíni agora tem casaco, cachecol e gorro; jogadores de futebol, pardos, de camisas de manga comprida; uma família, parda, encasacada e de frente a uma lareira o que, segundo o próprio vendedor, “reflete a nova família pernambucana”.

Em seguida, a audiência é apresentada à família Nogueira, pai, mãe e filho de classe alta e branca que moram num apartamento das muitas torres junto ao mar da praia de Boa Viagem. São, segundo Hundertwasser, “vítimas arquitetônicas do frio”: como paisagens mostradas ao espectador “comprovam”, o efeito de o sol ter sumido, nublando a cidade, é a presença das incontáveis placas de venda sobre os edifícios da orla. A mãe de família expõe o que considera grande problema: apesar de terem comprado o apartamento com um preço bem alto, provavelmente o mesmo se desvalorizará, pois Boa Viagem se tornará “um dos lugares onde o metro quadrado não terá nenhuma valorização”. Seu marido complementa:

os prédios da beira-mar são feitos com essa estrutura arquitetônica de ventilação, para entrar muito vento, porque você mora numa cidade que é quente. Você quer morar na beira da praia para ter mais conforto ... Quando isso muda, fica impossível morar na beira da praia. A gente decidiu que não vai mais morar aqui.

Enquanto a mudança dos Nogueira não ocorre, somos apresentados a uma nova dinâmica de uso dos quartos da casa: o filho passou a dormir no quarto de Grace, a empregada. Importante lembrar que autores como Lara (2013) apontam o quarto de empregada do edifício de apartamentos brasileiro como um resquício espacial do escravismo – uma perduração, no espaço, da dinâmica entre casa-grande e a senzala do Brasil agrário. No mundo urbano, tal dinâmica se traduziu, até fins do século XIX, em residências que ocupavam toda a frente do lote, ao fundo havendo edículas para a cozinha e o dormitório dos empregados. No século XX, com a verticalização, o desenho desta segregação passou a se dar por apartamentos divididos em dois setores, o de serviços e o social: no primeiro, há um quarto e banheiro de empregada separados, ligados à copa, à cozinha e à lavanderia, geralmente acessadas por uma porta e um elevador “de serviço”; no segundo, as salas, os banheiros e os quartos são acessados por outra porta e outro elevador, “sociais”, mesmo que localizados lado a lado com a outra porta e o outro elevador. Quartos como o de Grace, então, são normalmente segregados, escondidos da vista de convidados, têm tamanho exíguo, com pequenas janelas e pouca ventilação.

No apartamento que agora é frio, tornam-se inúteis os ensinamentos do livro *Roteiro para construir no Nordeste*, de Armando de Holanda (1976), que Hundertwasser descobre ser importante referência da arquitetura local, por priorizar o uso de janelas e portas vazadas e os cobogós, por exemplo. Para se proteger da mudança climática, o menino da família dos Nogueira fecha os elementos vazados do quarto de Grace com um mural de madeira, e leva para lá sua cama, a televisão tela plana de grandes dimensões, o pôster do filme favorito, o

aparelho de DVD, a raquete de tênis e o laptop. Ao passo que a empregada, negra, é mostrada com um semblante triste em sua pequena cama no grande quarto que antes era do garoto, morrendo de frio e em meio ao ferro de passar roupa, a tábua de passar e uma pequena tevê de tubo. “De certa forma, ela está se sentindo um peixe fora d’água”, diz a dona da casa, “porque ela não está acostumada, ela nunca morou numa suíte”.

A vida de Grace parece não ter em nada mudado com a mudança climática, assim como a de moradores de rua da cidade. Alguns deles, de fenótipo e sotaque marcadamente nordestinos, depõem para a câmera e alguém informa ao repórter que um deles morreu de frio. Talvez por isso, muitos passaram a queimar madeira para se aquecer, contaminando o ar. No entanto, o narrador revela, mostrando cadáveres do Instituto Médico Legal, que já são 346 os mortos desde a queda brusca da temperatura; e que a comunidade científica internacional se mantém cética em relação ao fenômeno. Alguns, no entanto, têm mais sorte com a mudança da temperatura. Clodoaldo Alves, de 64 anos, que descobrimos morar sozinho num pequeno apartamento de poucos móveis, é um papai noel profissional. Portador de vestimentas de trabalho que representam a inadequação da importação de costumes do Norte para as paisagens do Sul, “depois de três décadas desidratando nos natais tropicais do Recife”, inclusive já tendo por isso desmaiado, “conta agora com as condições ideais para interpretar o bom velhinho”.

Ao fim do filme, depois que um repórter do tempo afirma que a temperatura na região metropolitana do Recife perdurará baixa, vê-se a artista negra Lia de Itamaracá cantar um lamento em meio a uma paisagem praieira, azulada pelo frio e com muitas palmeiras ao fundo, Em torno dela, jovens brancos dançam uma ciranda, se protegendo do frio com muitos agasalhos. Repentinamente, um pequeno facho de raios solares consegue vencer o bloqueio das nuvens. Ao passo que tais jovens correm para a pequena porção na areia, agora iluminada pelo sol, de modo a disputar o pouco calor ali gerado, Lia de Itamaracá permanece, ainda que risonha, bem longe do sol.

4. COMENTÁRIO FINAL

O fenômeno climático em *Recife frio* não é global, mas local: trata-se, como diz um personagem que apresenta o boletim climático de um telejornal, de um “tufo de algodão”, i.e., uma massa de ar frio, que estaciona sobre a cidade e de lá não se move. Visei a mostrar, neste trabalho, que esta situação climática aparentemente absurda é um pretexto para o filme comentar situações de injustiças ambientais e racismo ambiental. De maneira diferente a muitos teóricos das mudanças climáticas, que apontam para possíveis catástrofes futuras, *Recife frio* usa uma mudança climática local para comentar problemas graves do presente.

O frio transforma não só a sensação térmica, mas também a paisagem, que deixa de corresponder ao imaginário eurocêntrico dos Trópicos imposto à boa parte do Brasil: a pousada de um francês vai deixando de receber visitantes na mesma velocidade em que pinguins chegam à orla do empreendimento. Morar na praia, um estatuo de alta classe, também deixa de ser aprazível: porque faz frio, muito frio.

No entanto, que não se pense que *Recife frio* faz apologia a uma sociedade de risco em que todos estão sujeitos às mesmas ameaças. A aproximação do problema das mudanças climática à análise com base no lugar possibilita que o filme apresente ao espectador situações de desigualdade ambiental que, por certo, *já existem* no atual Recife, quente. Se Pierre Martin



deixa de obter lucro com sua pousada, ele já pensa em um novo negócio; se os Nogueira estão em um apartamento que se torna gélido, já pensam em mudar de endereço. Trabalhadores autônomos, como o papai Noel Clodoaldo e o artesão do mercado São José, conseguem tirar proveito da nova situação climática, talvez por estarem sempre obrigados a improvisar para sobreviver. Mas Grace, a empregada negra, não tem a mesma sorte: mudar para um quarto maior faz Grace continuar injustiçada pelo legado escravista que mantém o imaginário da senzala espacializado nos apartamentos de classe média. Assim como os moradores de rua, que passam a, literalmente, morrer de frio, fazendo com que Hundertwasser, o narrador do filme, se dê conta de qual é o maior problema do Recife: “a desigualdade social e o abandono mostram-se ainda mais cruéis”.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. Ambientalização das lutas sociais – o caso do movimento por justiça ambiental”. *Estudos avançados*, v. 24, n. 68, p. 103-119, 2010.
- ACSELRAD, H. Justiça ambiental e construção social do risco. *Desenvolvimento e meio ambiente*, n. 5, p. 49-60, 2002.
- ACSELRAD, H. Tecnologias sociais e sistemas locais de poluição. *Horizontes antropológicos*, v. 12, n. 25, p. 117-138, 2006.
- ACSELRAD, H; MELLO, C.C.A; BEZERRA, G.N. *O que é justiça ambiental?* Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- ARNOLD, D. *La naturaleza como problema histórico*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, (1996) 2000.
- BECK, U. *Sociedade de risco*. São Paulo: Editora 34, (1986) 2010.
- BULLARD, R.D. *Confronting environmental racism: voices from the grassroots*. Boston: South End Press, 1993.
- BULLARD, R.D. *Unequal protection: environmental justices and communities of color*. San Francisco: Sierra Club Books, 1996.
- CASTRO, I.E. Do imaginário tropical à política. A resposta da Geografia Brasileira à história da maldição. *Scripta Nova*, v. 10, n. 218, 2006.
- CASTRO, I.E. Natureza, imaginário e a reinvenção do Nordeste. In: ROSENDHAL, Z. e CORRÊA, R.L. (orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 103-133.
- DAOU, A.M. Tipos e aspectos do Brasil. Imagens e imagem do Brasil. In: ROSENDHAL, Z. e CORRÊA, R.L. (orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 135-162.
- DRIVER, F; MARTINS, L (eds.). *Tropical visions in Age of Empire*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005
- DRUMMOND, J.A. A primazia dos cientistas naturais na construção da agenda ambiental contemporânea. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n. 62, p. 5-25, 2006.
- EMELIANOFF, C. La problématique des inégalités écologiques, un nouveau paysage conceptuel. *Ecologie & Politique*, v. 1, n. 35, p. 19-31, 2008.
- ESCOBAR, A. *Encountering development*. The making and unmaking of the Third World. Princeton: The University of Princeton Press, 1994.
- FREYRE, G. *Novo Mundo nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Top Books Editora: UniverCidade, (1969) 2000.
- GERBI, A. *O Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, (1973) 1996.
- GIDDENS, A. *A política da mudança climática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- HAESBAERT, R. *Des-territorialização e identidade. A rede gaúcha no Nordeste*. Niterói: EdUFF, 1997.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDHAL, Z. e CORRÊA, R.L. (orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 169-190.
- HERCULANO, S; PACHECO, T. (Orgs.). *Racismo ambiental*. Rio de Janeiro: FASE, 2006a.



- HERCULANO, S; PACHECO, T. Racismo ambiental, o que é isso? In: HERCULANO, S; PACHECO, T. (Orgs.). *Racismo ambiental*. Rio de Janeiro: FASE, 2006b, p. 21-28.
- HOLANDA, A. *Roteiro para construir no Nordeste*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1976.
- HOLZER, W. *Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI*. 1998. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- HUNTINGTON, E. *Civilización y clima*. Madrid: Revista de Occidente, (1915) 1942.
- LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- LARA, F.L. A exclusão no espaço doméstico. *Fórum*, 2 maio 2013. Disponível em <http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/05/a-exclusao-no-espaco-domestico/>. Arquivo consultado em 26 jul 2014.
- LEVER-TRACY, C. Global warming and sociology. *Current Sociology*, v. 56, n. 3, p. 445-446, 2008.
- LIMA, N.T. *Um sertão chamado Brasil*. Intelectuais e a representação geográfica da identidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LIVINGSTONE, D. Tropical hermeneutics: fragments for a historical narrative an afterword. *Singapore Journal of Tropical Geography*, vol. 21, n. 1, p. 92-98, 2000.
- MACHADO, L.O. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a ideia de ordem (1870-1930). In: CASTRO, I.E; CORRÊA, R.L. e GOMES, P.C.C. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 309-353.
- MARTINS, L. *O Rio de Janeiro dos viajantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- MORAES, A.C.R. O sertão: um outro geográfico. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 13-14, p. 360-369, 2002.
- NAME, L. A natureza como o Outro de diferentes partes: uma discussão sobre Ratzel e a alteridade. *Biblio 3W*, Vol. 15, nº 854, 2010.
- NAME, L. *Geografia pop: o cinema e o outro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013.
- NAME, L; BUENO, L.M.M. Contradição nas cidades brasileiras: "ambientalização" do discurso do planejamento com permanência dos riscos. In: LOURENÇO, L.F; MATEUS, M.A. (Orgs.). *Riscos naturais, antrópicos e mistos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013, p. 727-739.
- NAME, L; MOASSAB, A. Por um ensino de paisagismo crítico e emancipatório na América Latina: um debate sobre tipos e paisagens dominantes e subalternos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL, 12, 2014, Vitória. *Anais...* Vitória: ENEPEA, 2014.
- OLIVEIRA, L.L. Representações geográficas da identidade nacional. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 11, n.1, p. 75-87, 1996.
- PRATT, M.L. *Os olhos do império*: Bauru/São Paulo: EDUSC, (1992) 1999.
- SEMPLE, E.C. *Influences of geographic environment. On the basis of Ratzel's system of anthro-geography*. New York/London: Henry Holt and Company/Constable and Company, 1911.
- SHOVE, E. Social Theory and climate change. questions often, sometimes and not yet asked. *Theorie, Culture & Society*, v. 27, n. 2-3, p. 277-288, 2010.
- STASZAK, J.F. *La géographie d'avant la géographie*. Le climat chez Aristote et Hippocrate. Paris: L'Harmattan, 1995.
- STORCH, H; STEHR, N. Climate research: the case of Social Sciences, *Ambio*, v. 27, n. 1, 1997, p. 66-71.